

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo, 216

Quarta-feira 15 de fevereiro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 60 »
 Anuncios preço convencional

SUMMARY

Antonio Marcellino de Souza. — União dos Atiradores Civis Portuguezes, commissão executiva e commissão technica. — Chronica do estrangeiro, Hespanha. — Secção litteraria, Caçadas Portuguezas, por FERNANDES COSTA. — Victorino da Silva Almada Junior. — Associação dos Caçadores Portuguezes, direcção e socios admittidos. — A caça em Portugal, por B. de SÁ. — Desastres. — Vicente Mendez (Pescadero). — Real Gymnasio Club Portuguez. — Gymnasio Club Figueirense. — Velocipedia, Real Velo Club do Porto e Real Club Velocipedista de Portugal, por MAGALHÃES FERREIRA. — Real Velo Club do Porto, por NEMELO. — Notas de Sport e Monaco, por D. — Andorinhas. — Club de Campanhã. — Anuncios.

GRAVURAS

Antonio Marcellino de Souza. — Victorino da Silva Almada Junior. — Vicente Mendez (Pescadero).

TIRO

Antonio Marcellino de Sousa

Estão de luto os atiradores civis portuguezes, e muito principalmente o *Grupo Patria*, de que elle foi um dos socios fundadores.

Antonio Marcellino de Sousa um dos primeiros entusiastas que frequentou a carreira de tiro em seguida á sua abertura ao elemento civil, em setembro de 1893, foi um atirador muito distincto; tomou parte no segundo concurso de tiro realiado em o nosso paiz, em 29 de julho de 1894; n'esse concurso, no primeiro grupo é classificado em 12.º lugar, e no segundo grupo, conquistou o 1.º lugar entre os 103 atiradores que n'essa occasião se inscreveram, obtendo o premio de S. M. a Rainha D. Amelia, e uma medalha de ouro e outra de prata premios de carreira (*Diario do Governo* n.º 185 de 18 de agosto de 1894). Era a primeira medalha de ouro conferida a atirador civil em o nosso paiz, coube-lhe, e muito bem, essa honra.

Souza continuou frequentando por algum tempo a carreira de tiro, mas não voltou a nenhum outro concurso; uma fatal enfermidade afastou-o d'estes exercicios; á terrivel doenca, uma afeccão pulmonar, inutilizou-o. Ultimamente, e já de ha tempo era o director gerente da Companhia Nacional de Conservas, em Alcantara.

No dia 1 d'este mez, a doenca triumphou por completo, e o distincto atirador falleceu.

Era natural de Lisboa, nascido a 2 de julho de 1859 na freguezia de Santos-o-Velho; tinha 40 annos incompletos.

Seu pae, Antonio José de Sousa, teve fortuna; ainda hoje no sitio de Carnide o nome d'elle é bem lembrado, e aquella localidade deve-lhe os melhoramentos que possui, a politica local e partidaria levou-lhe tudo, morreu pobre; honrando a memoria de seu pae, Antonio Marcellino de Sousa foi um homem activo, intelligente e honrado; era o amparo de sua velha mãe.

A esta, á sua estremosa viuva e a todos os seus parentes os nossos pezames. Ao *Grupo Patria* a nossa participação no seu profundo pesar.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Commissão executiva

ACTA n.º 9

SESSÃO EM 6 DE FEVEREIRO DE 1899

As 9 horas da noite estando presentes na redacção de *O Tiro Civil*, os srs. Anselmo de Sousa, Fraga Pery, Vieira da Silva Junior, Ignacio Franco e E. Noronha, foi aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, com a seguinte emmenda apresentada pelo sr. Fraga: Que o sr. Maximiliano Hermann, fóra eleito presidente da commissão technica, mas não assumio esse cargo na reunião, por não estar presente.

Lido o balancete de janeiro, que se resolveu affixar.

Lido um convite para os bailes do Club Musical de Amadores, que se resolveu agradecer.



Antonio Marcellino de Souza

Atirador distincto e socio fundador do *Grupo Patria*
 Falleceu em 1 de fevereiro de 1899

O sr. presidente propõe e é approvado, que se consigne em acta um voto de sentimento, pela morte prematura do sr. Antonio Marcellino de Sousa, distincto atirador ao qual foi conferida a 1.ª medalha d'ouro destinada aos Civis pelo ministro da guerra em 1894 e que esta resolução fosse communicada á viuva do fallecido.

Comunica tambem o sr. presidente, que em Villa Viçosa, por iniciativa do digno director da escola pratica de cavallaria e do digno presidente da camara municipal de Borba, se trata da construcção d'uma carreira de tiro, em terreno baldio pertencente aquella camara, carreira que pode ser frequentada pelos civis d'aquellas duas povoações.

Por este facto propõe que a estes dois cavalheiros, se consigne em acta um voto de louvor e que ao conselho gerente, d'isto se desse conhecimento, e se lhe propozesse que aos referidos cavalheiros, fosse enviada uma mensagem de congratulação.

Resolveu-se pedir ao ministerio da guerra, que mande para a carreira de tiro, 12 carabinas Manlicher para uso exclusivo dos alumnos das diversas escolas e collegios de Lisboa, subsidiados pela União.

Resolveu-se que em vista do sr. Gandara, liquidatario da Associação Estrella, não ter apresentado a lista dos credores d'essa extincta corporação, se officiasse a estes, pedindo-lhes que até ao fim do corrente mez entregassem na séde da União, nota dos seus creditos.

Resolveu-se, officiar a diferentes corporações e associações, pedindo-lhe o seu auxilio para que a União possa continuar, mantendo e desenvolvendo, a instrucção gratuita á mocidade das escolas.

Não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 11 horas da noite.

O SECRETARIO

EDUARDO DE NORONHA.

Commissão technica

ACTA n.º I

Sessão de 29 de janeiro de 1899, na Carreira

Sendo 1 hora da tarde, e achando-se presente os srs. Agostinho Manuel de Sousa, João de Moraes Carvelha, Ignacio José Franco, Luiz Arêde Correia Saraiva e J. Fraga Pery de Linde, foi por este ultimo dito que, tendo sido pedida ao sr. director da Carreira, pela commissão executiva da *União*, a nota dos socios da mesma, que, pela sua assiduidade e média de aproveitamento, estivessem nas condições exigidas pelo artigo 31.º dos Estatutos, para fazerem parte da commissão technica, a mesma commissão executiva fora oficialmente informada de que os individuos n'essas condições eram, como opportunamente havia sido publicado em aviso da commissão executiva, todos os que se achavam presentes, incluindo o sr. Fraga, e mais os srs. Maximiliano Hermann e Antonio Correia Pinheiro, estando por isso reunidos os bastantes, para que a commissão technica podesse constituir-se, ao que os convidava, pois, na sua qualidade de secretario do conselho gerente, a todos havia convocado.

Em seguida, e por unanimidade de votos, foram eleitos: presidente, o sr. Hermann e secretario, o sr. Fraga, votando porém, este ultimo no sr. Ignacio Franco, para secretario.

Estando ausente o sr. Hermann, assumiu a presidencia o secretario, o qual declarou constituida a commissão technica da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, e em harmonia com as disposições dos Estatutos, passava a comunicar-lhe o programma para o grande certamen de campeonato, elaborado pela commissão executiva, o qual, sendo lido, foi unanimemente approvado.

E nada mais, havendo a tratar, foi encerrada a sessão, ás 2 horas da tarde, ficando lavrada a presente acta.

J. Fraga Pery de Linde.

Chronica estrangeira

Hespanha

Em Hespanha acaba de ser inventada uma nova espingarda metralhadora. Foi seu inventor D. Antonio Vace, capitão do exercito hespanhol.

Uma revista technica diz que a espingarda metralhadora constitue um systema unico, no qual se conseguiu converter em força dirigivel um explosivo violento, unico progresso verdadeiramente fundamental, que se tem realiado na applicação da polvora, ás armas de fogo desde a sua appareição.

Secção litteraria

ÇAÇADAS PORTUGUEZAS

Paizagens — Figuras do campo

POR

Zacharias d'Aça

Lisboa, Secção Editorial
 da Companhia Nacional Editora

For este o livro de estreias do anno que principia a decorrer, e nenhum outro o poderia ser, tão portuguez, tão

nosso. Bom livro, comprehensivo como poucos, em que todos nos encontrámos, falando segundo a nossa tempera, vestindo a nosso modo, vivendo a nosso gosto, respirando a plenos pulmões os ares lavados do nosso clima, alegrando-nos com as perspectivas ridentes dos nossos campos, em convívio, ora fraterno, ora hostil, com os seus habitantes.

Caçadas portuguezas foi o titulo que Zacharias d'Aça escolheu para caracterisar a essencia do seu volume, verdadeiro escriptorio de prosas selectissimas. Mas, consciente de que tão breve designação ficava longe de abranger a vastidão do contexto, emancipando-se de serem classificadas pelo titulo muitas das mais salientes paginas do livro, logo remediou a falta notada, completando no sub-titulo *Paizagens e Figuras do Campo* a resenha de todo o conteúdo.

Não contestamos a propriedade existente na primeira parte do titulo escolhido, pois não ha duvida de serem portuguezas as caçadas que na obra são referidas, e por signal até, que em portuguez de lei. Mas *Caçadas portuguezas* suggerem, talvez, a expectativa de grandes narrações, mais ou menos historicas, mais ou menos tradiccionadas, da vida aventureira e fragueira, que foi sempre caracteristica d'esta raça, tão destemida em façanhas de guerreiros, como em riscos e prosapias de caçadores.

Ora, não é d'isso que o livro trata. O auctor não pretende ser o reflexo de gahardias alheias, salvo nos casos em que d'ellas foi testemunha, por serem os heroes seus companheiros. O auctor limitou-se a condensar em breves quadros, correctos e parcimoniosos, as suas proprias reminiscencias, as scenas em que foi actor, e talvez mais do que essas, aquellas em que foi observador, pois a sua penna foge modestamente a avultar-lhe a propria figura, comprazendo-se antes no relevo da natureza que o rodeia, na fixação da paizagem que o encanta, e na dos personagens, de todo o genero, que a animam.

E como todos os seus quadros reflectem dias já vividos, horas de mocidade que o tempo vae distanciando, scenarios perpetuamente fixados na retina quasi photographica, que de modo tão admiravel sabe ainda reproduzir sem comitudo se esquecer de que os viu no passado; e como, em todos elles, vivem, falam, existem, resuscitados pela vara magica do artista, consocios seus, mortos já de ha muito no mundo da realidade, ha em toda a obra uma tal suavidade de tom, saudoso e dolorido, uma tal intensidade de evocação, uma tal abundancia de recordações que, qualquer dos titulos *Memorias de um caçador* ou *Saudades de um caçador*, seria, para ella, de uma fidelidade positiva.

* * *

Não vamos mais longe. Logo ás primeiras paginas do seu livro, Zacharias d'Aça confirma, a um tempo, a observação que ahí deixamos e os seus predicados salientes, de amator da natureza e de artista, por condição natural, mais ainda do que por educação procurada ou recebida. Diz-nos elle por exemplo:

«Haurindo o ar fresco e embalsamado dos campos; dilatando a vista pelas verdes e extensas pradarias, ondulantes como o mar, pelos dourados vinhedos, pelos cimos quebrados das serras, entra-se em mais intima communhão com a natureza.

«Não são ruas alinhadas e poicrentas, edificios rectangulares, sombras geometricas no chão, nem ceu recortado, aqui e ali, pelos telhados da casaria urbana. Terra, luz e ar, estão ahí a descoberto, não nol-as encobre a mão do homem.

O sol irradia esplendido no limpo azul do firmamento, a aragem é pura, e a propria terra envia-nos o perfume das hervas rasteiras e das florinhas agrestes, que pisamos.

«N'este contacto com a terra o homem rejuvenesce, e á serenidade dos campos responde em *nós uma alegria*, que não é a que rompe d'entre o convívio das festas ruidosas, mas outra, *mais funda, de que depois nos lembramos*, e nos apparece, no entardecer da vida, com o *ineffavel encanto da saudade*.

«E no meio d'esse scenario rustico, aquelle poeta, que todos os que *sentimos e amamos a natureza*, trazemos dentro de nós occulto e tacito, accorda, e nós vamos seguindo-o, e a phantasia vae com elle a voejar...»

São innumerables as paginas em que n'este bello livro encontramos desferidas as mesmas notas. Repassa-o um sentimento poetico incessante, ora encontrado na esphera moral, onde a saudade, tão melancolica e tão portugueza, traduz a sua mais alta expressão, ora na esphera da intelligencia e do gosto, onde o amor da arte adeja, constantemente redivivo, denunciando a cada momento as inclinações naturaes de um artista superior.

Zacharias d'Aça, que tanta vez tem percorrido com a sua luminosa observação, geralmente bem vista e respeitada, os *ateliers* dos nossos pintores, e as galerias publicas das suas exposições, publicando agora o seu livro, tão cheio de paizagem, tão cheio de figura, como que lhes abre, por seu turno, as portas do seu *atelier*, a sua galeria pessoal de artista amator. E convida os, e convida-nos, a percorrel-as, na consciencia segura de quem justifica, com esta prova real, os direitos, ha tanto tempo assumidos, e nunca jámais contestados, de critico sagaz, de apreciador competente e de juiz sabedor.

Como paizagista, as suas telas não podem ser mais verdadeiras, mais arejadas e luminosas. Não lhe esquece um pormenor. Sabe que tudo, sem excepção, contribue para a harmonia do quadro, para o equilibrio do conjunto; e da sua paleta, fechada e segura, em todos os cambiantes, em todos os matizes, sae, para cada toque de pincel, com equal esmero, a mesma riqueza, a mesma nobreza, a mesma propriedade de tintas.

Lciaim, não dizemos bem, *vejam* este admiravel trecho de paizagem:

«Estacámos todos na orla do pinhal.

«E' que, n'aquelle momento, todos se sentiram presos — tanta era a belleza do inesperado espectáculo! Via-se, aspirava-se, sentia-se a fragancia e a frescura das paizagens matinaes!

«Em frente de nós, para o fundo e para os lados, extendia-se um viveiro cerrado de pinheirinhos, em toda a efflorescencia e vigor da seiva juvenil. Delgados, flexuosos, elegantes, com toda a pujança e frescor da mocidade, mas pequenos e rasteiros ainda, ficariam sepultados na grande massa do arvoredo, que os rodeava, se não fosse a luz do sol, que, descobrindo-se por cima da copa do pinhal, de improvisos os illuminou!

«A manhã ia ainda no seu crescer. Os raios solares obliquos, que primeiro lhes tocaram no alto as finas agulhas, iam descendo, revelando-os e cobrindo-os. Verde e oiro a côr na caruma, vermelha e mais vigorosa nos troncos, mais clara nas rugosidades, carregada e baça nos planos interiores. Por cima e ao longe sobrescia-lhes a grande mancha acinzentada e indecisa do pinheiral, que seguia.

«A luz continuava baixando: alastrando-se sobre o massico do plantio, e crescendo com ella o movimento e o effeito das suas cambiantes, mantinha o contraste com a sombra.

«Como se a terra quizesse amparar no seu crescimento aquelles vegetaes adolescentes, involviam-lhe os troncos, os fetos e as estevas, enleando-os, abraçando-os, cobrindo-os e defendendo-os com as finas vergontas, com o seu recortado e elegante folhodo, tocado de tons roseos, verdes e nacarados!

«E o sol, subindo, continuava a variar e a fazer valer, aos nossos olhos, as harmonias do colorido, os tons e meios tons d'aquelle agreste mas suavissimo quadro, que a natureza — a suprema artista — compozera, desenhara e esculpira, e que elle — o divino decorador — nos vinha alli

revelar, tirando-o das trevas, dando-lhe a vida, illuminando-o com a sua paleta deslumbradora!

«No chão sombrio, as ervinhas seccas, o matto rasteiro, rude frouxel dos campos, tosado pelos rebanhos, requeimado pelos estios, completava, com a mescla da sua morte-côr, a moldura d'aquelle paradisíaca paizagem, que tinha ao fundo, a massa escura do pinhal, e em cima, no alto, o puro e frio azul do ceu!

«Corridas todas as escalas chromaticas chegara ao seu termo a symphonia da luz!... Nenhunas sombras restavam — tudo illuminado!...

E não pense o leitor, que lhe apontamos excepções, trabalhosamente colhidas. Não ha descripção, que valha menos do que as outras; em nenhuma é menos cuidadoso o artista. Aqui, pode afotadamente dizer-se, Homero não dormita. Sente-se quanto o critico d'arte procurou ser escrupuloso na exactidão, na minudencia, no colorido, conscio de lhe não ser licita a severidade com a obra alheia, uma vez que não impuzesse a si mesmo equal severidade para com a sua.

Queremos ser breves, e para isso precisamos não abusar das transcripções; mas, deante dos olhos, temos, n'este mesmo momento, um quadro, que nos está tentando:

«Os terrenos, em que se fazia a caçada, eram dobrados e trabalhosos; as cepas altas, as varas fortissimas, o chão revolto, o torrão duro como pedra. Para todos os lados só se viam collinas, montes e encostas cobertas de vinha, e apenas, de longe em longe, uma pequena chapada, revestida de matto, quebrava com o tom da urze a monotonia das grandes massas de vinhedo.

«O sol subia e já queimava. Cessara completamente a aragem fria da madrugada, e a cigarra começava a fazer ouvir o seu canto estridulo e secco. Nuvens de mosquitos e de melgas redemoinhavam no ar, que tremia no alto dos cabeços, e as linhas sinuosas dos montes recortavam-se com dureza sobre o azul vigoroso d'um ceu africano. De quando em quando corria uma brisa; mas era quente e abafadica: o ar parecia ter passado por uma terra de fogo, e não trazia nenhum refrigerio aos pulmões escandecidos!

«Um dia de perdizes!»

Dir-se-hia a linguagem sobria e cadenciada de Loti, moldando em contornos suggestivos, e em tons aveludados, um scenario meridional, luminoso e quente!

A penna de Zacharias d'Aça vale n'estas descripções o pincel de um Silva Porto! E, deante dos artistas, a quem tantas vezes tem paternalmente corrigido, mas a quem maior numero d'ellas tem demonstrado amal-os e prezal-os fraternalmente, comprehendendo-os e estudando-os, o escriptor pode applicar a si mesmo a exclamação orgulhosa e consoladora de Correio, dizendo-lhes ufano! «Eu tambem sou pintor!»

* * *

E não é unicamente pintor de paizagem. E' um admiravel pintor de figura, tanto da figura humana, como da figura animal. Notando-se que, na figura, não é só a exactidão do desenho externo que o prende; não é só a parte pittoresca, da attitude, da luz e da côr. E' a expressão, que revela o ser intimo e que, sabida ver, ainda nos seres mais inferiores, desvenda, como em livro aberto, os arcanos, e até as manifestações rudimentares da alma.

Não podemos transcrever descripções comprovativas, porque o nosso artigo está obrigado a proporções justas; mas os leitores da obra encontram testemunhos da nossa asserção, superabundantes em cada capitulo. Leia-se, por exemplo, aquelle que se intitula: *Campinos na lezíria*.

Mas não é só ahí. Para o artista, para o desenhador, para o pintor, não há, no seu livro, figuras somenos. Nenhuma é deixada na sombra. E se por ventura alguma ha, tratada com mais diminuta attenção, essa

é a de algum raro habitante da cidade, companheiro fortuito do auctor em eventual caçada, ou encontro passageiro de breves minutos, deslocado no scenario, contrastando com elle, dignando-se ver a natureza do alto da sua superioridade urbana, sorrindo-lhe ou louvando-a por mero favor.

D'esses não cura o artista, e tanto menor attenção lhes dá, quanto mais guindados. Mas, de tudo quanto sejam filhos do campo ou filhos do mar — porque na obra encontrámos inolvidaveis esboços de barqueiros e pescadores, — figuras simples em trato intimo com as simplicidades naturaes da vida, ingenuos uns, maliciosos outros, rudemente francos e valorosos quasi todos, d'esses não ha linha, não ha contorno, não ha préga de rosto, não ha scintillar de pupilla, não ha ademane de cabeça, não ha franzir de labio, não ha expressão, emfim, que passe despercebida ao artista, e que não seja fielmente reproduzida pela sagacidade e pericia do escriptor.

Esta, é uma das curiosidades e ao mesmo tempo uma das utilidades maiores do livro de Zacharias d'Aça. Dá-lhe um valor ethnographico documental, e n'esse ponto, inconscientemente, mas obdecendo ambos á mesma determinante, isto é, á mesma resultante de impulsões intimas, observadoras e criticas, encontram-se produzindo obras similares, de analogo valor, o escriptor portuguez n'este extremo da Europa, e, nos confins d'ella, em plena Russia, o altissimo talento litterario de Tourgueneff.

Quem tiver lido as *Narrativas de caça* d'este grande romancista, e profundo e delicado observador, terá guardado d'ellas, principalmente, os aspectos de paisagem d'aquellas regiões para nós exóticas e as impressões não só do habito externo, como ainda as do viver, do sentir moral, umas vezes tão diversos, outras tão identico com o nosso, d'aquelle extranho e remoto povo.

Parece-nos que deveria produzir analogo impressão a obra de Zacharias d'Aça, se uma traducção em lingua mais generalizada do que a nossa, a levasse ao conhecimento de estrangeiros. Esses encontrar-lhe hiam o picante sabor de exotismo, que nós, só por um esforço critico, difficil e não vulgar, lhe podemos perceber; e a par d'elle, fariam uma ideia justa, e talvez inapagavel, tanto da paisagem natural, como da indole e do nivel moral e intellectual do povo rustico portuguez.

E assim como nós, perante as descrições inimitaveis do livro de Tourgueneff, vêmos desdobrarem-se aos nossos olhos as immensas campinas de neve, ou então os prados enormes, á orla dos quaes se extendem bosques sem fim de carvalhos e de freixos, assim elles, tambem, veriam no livro não menos bello do nosso conterraneo, os aspectos solennes ou carinhosos da paisagem portugueza, quer na magestade das serranias adustas, quer na graciosidade das encostas revestidas de vinhedo, quer nos juncaes alagados ou nos alcantis beijados pelo mar proximo, quer finalmente, para nos não alongarmos em enumerações impossiveis, nas lezírias, illimitadas como oceanos, e extendidas, como tapetes de oiro e de luz, sob a ardente radiação do sol.

Temos insistido na feição artistica, preeminente, do auctor das *Caçadas portuguezas*, e expressamente e muito de proposito, o temos feito. Não nos esquecendo, nem a especialidade da publicação periodica onde a nossa breve e ligeira apreciação tem de ver a luz, nem a especial com-

petencia d'aquelles que em maior numero deverão lê-la, pareceu-nos que não deveria ser na parte episodica, e por assim dizer fundamental da obra, que a nossa attenção precisaria concentrar-se. Se escrevessemos para litteratos ou para artistas, n'uma revista d'arte ou de litteratura, seria talvez opportuno pôr em relevo, na obra do homem de letras, a parte attribuida ao homem de acção; e para esses a novidade, se a houvesse, estaria, de certo, nas paginas narrativas e movimentadas do caçador.

Mas para leitores que na sua grande maioria, conjecturo como sendo mestres de mais auctoridade, e juizes de maior competencia n'aquillo de que a obra faz principal materia, seria imperdoavel affectação querer apontar-lhes meritos e recomendar-lhes excellencias, que elles á primeira vista, e com superioridade manifesta, logo reconhecem.

E como a estas horas nenhum dos nossos leitores pode estar em divida de leitura para com a obra de Zacharias d'Aça, nenhum ha, tambem, que d'ella não tenha feito julgamento auctorizado e substancioso, dispensando, como superflua, a opinião de extranho julgador.

A profanos, que nos lêssem, não deixaríamos de citar, por exemplo, trechos como este, de um acre sabor campeziño, no qual é realçada, pela technica da profissão, a malleabilidade pratica do escriptor:

«Atirar ás codornizes nos trigaes, perseguir as perdizes nas vinhas, chofrar as narcejas nos alagamentos, descobrir as gallinholas nas estevas, nos pinhaes, esperar a passagem das rôlas e dos pombos, carregar uma lebre na campina, correr um veado, emprazar um javali, fazel-o sair da mancha, esperal-o de cara n'uma porta, é um prazer, para os que procuram essas sensações florea da vida banal das cidades, nos campos, nas florestas, nos mattos ermos e selvagens. E é mais facil sentil-o, do que explical-o aos que, extranhando-o, por isso mesmo não o podem compreender. Tanto valeria explicar a um surdo, ou a um cego, as bellezas da musica e da paizagem.»

Mas ha, sobretudo, um ponto, digno de nota especial, e no qual Zacharias d'Aça dá inteira expansão á sua dualidade de homem de letras e de caçador. E' na homenagem ininterrupta prestada, em toda a sua obra, ao companheiro dilecto das suas excursões venatorias, a Bulhão Pato, que d'elle recebe um culto, duplamente reconhecido e duplamente intelligente, culto a que só essa dualidade poderia dar existencia, e que é tão lisongeiro para o grande poeta festejado, como o é para o seu consciente admirador.

Póde dizer-se que a maior parte das *Caçadas portuguezas* são caçadas em que o nosso grande poeta, admiravel bucolico e paizagista, occupa o logar primacial. Ali o vêmos, rodeado sempre de um bello grupo de amigos, ora uns, ora outros, mas notando-se, quasi sem excepção, no meio d'elles, um certo numero, dos mais fieis, dos mais constantes, dos inseparaveis, por assim dizer, entre os quaes Zacharias d'Aça rarissimo falta.

E ainda, sob este ponto de vista, tem o seu livro, afóra todos os outros meritos, um especialissimo merito litterario. Dá-nos a esculptura do poeta illustre, n'uma das suas feições mais viris, erguendo-o de pé, artistica e physiologicamente, como se fossem intencionaes estas memorias complementares, que tão apreciadas deverão ser na posteridade.

E' curioso vêr a maneira, nunca esquecida, como, em toda a obra, contra-scenam um com o outro, os dois caçadores, os

dois litteratos. Para muitos dos notaveis companheiros de Bulhão Pato, dos mais notaveis no meio intellectual do seu tempo, a varonil figura do poeta impunha-se-lhes pelas qualidades, que elle no convívio, na acção, na palestra, revelava, podendo muitas vezes ser distanciado, na penumbra, o prestigio do homem de letras, menos accessivel a esses labutadores da vida pratica. A poesia, a vibração nervosa, geralmente sentimental, e como que feminina, da verdadeira sensibilidade poetica, é, comumente, nas relações normaes da vida, considerada antes como uma insufficiencia, como uma fraqueza. E' uma neurose, uma doença, uma fragilidade.

Por isso, não nos causaria admiração, se conhecessemos factos que justificassem, relativamente a Bulhão Pato, e a muitos dos homens mais importantes do seu convívio, e da sociedade do seu tempo, a supposição acabada de formular.

Ora, Zacharias d'Aça, que nunca fez versos, ou que se alguma vez os fez, foi tão modesta e envergonhadamente como se a consciencia lhe não pudesse com tal peccado, apparece-nos, desde as primeiras paginas do seu livro, como aliás sabemos que sempre o foi nas relações pessoas e litterarias de mais de trinta annos, um espirito irmanado poeticamente com o do seu companheiro predilecto, uma alma vibrando unisona com a do poeta insigne, honra e gloria das letras contemporaneas, e tendo com elle, como de irmão a irmão, profundas e visiveis affinidades.

O poeta sabia-o; sempre o soube e sempre o reconheceu. E assim, era designadamente para esse companheiro, que elle entoava, nas frescas manhãs de setembro, quando o via assomar á porta, de *ceifões, polainas e saltos de prateleira, o cinto cheio de cartuchos, a espingarda e a trela de cães*, ao hombro a *manta de listras* e na cabeça o *barrete preto, de lá*, descido até aos olhos, era para esse companheiro, repetimos, que elle entoava, com a sua voz máscua e cheia de vibrações, alguma das immorredouras quadras da *Chacara da Nazaréth*, culto religioso, sagrado como uma prece matinal, a Castilho, esse divino lyrico, que de ambos fôra amigo e mestre:

Vôam corseis e sabujos!
Apupa, apupa, clarim!
Que esta sina de fraqueiros
Não tem descanço, nem fim!

E, depois, mais baixo, em confidencia d'elles sós, como d'ambos exclusivamente entendida:

«Deixa-os lá! E' um grande poeta! . . .»

E se Bulhão Pato, n'estas palavras, tributava justiça ao mestre, não era menor a que prestava ao seu interlocutor, tão competente para as entender e ouvir.

Tem passado largo tempo depois d'essas manhãs risonhas, e Zacharias d'Aça não esqueceu ainda nem uma só das alvoradas do ceu, que então se casavam tão intimamente com as suas alvoradas da vida.

E por isso, nos diz:

«Assim abriam para nós esses dias jámais esquecidos. Alvoradas alegres de rosado oriente e céu d'anil, ou manhãs pardacentas, humidas e tristes, encontravam em nós o mesmo animo. Nos dias bonitos tinhamos a crenga; nos feios era a esperanza, e em todos a grande poesia da mocidade. . . .»

«O tempo vouu, mas, todos os annos, nos primeiros dias de setembro, nas lindas madrugadaes do outomno, serenas e cheias de luz, lembro-me com saudade de quando, ao entrar no quarto do poeta, eu era saudado com os versos da caçada do Alcaide Mór de Afonso Henriques:

Manhãs frescas de setembro,
quando orvalho está a cair

Muito mais podíamos dizer do livro de Zacharias d'Aça, o primeiro volume publicado por elle, d'entre tantos os que tem disseminado, em paginas ephémeras, por toda essa imprensa, com a prodigalidade de um rico. Seria curar de si, e servir-nos a todos, o pôr mais alguns de pé. Fal-o-ha o escriptor? Oxalá o exito d'este lhe sirva de estímulo.

Não advogamos o principio de que todo o escriptor moderno, n'este tempo de imprensa periodica, deva reunir e perpetuar, em volume, a sua obra de jornalismo. Se ha mal que nos persiga como publico, e especialmente prejudique os que são auctores de cousas dignas de serem publicadas, é, esse, a superabundancia actual da produção, em materia de jornalismo e de livreria. São demais os livros, são demais os jornaes, que incessantemente se publicam. Imagine-se o que não seria, se os jornaes, depois de o serem, se transformassem em livros!

Isto, assim considerado absolutamente, é obvio, e, sob esse ponto de vista, razão de sobra tinha, ha poucos dias ainda, um vernaculo escriptor nosso, jornalista profissional e litterato justamente applaudido, — referimo-n'os ao nosso amigo e confrade Trindade Coelho, a quem Zacharias d'Aça tributa a homenagem de lhe dedicar um dos mais curiosos episodios do seu volume, — razão tinha elle, repetimos, quando, a proposito de uma publicação recente, lembrava a doutrina em que, por assim dizer, nós acima apenas insistimos.

Mas a sua observação, justa na infinidade de casos em que pôde ser applicada, deixa de o ser toda a vez que se tome como principio absoluto. O facto de ser excessivo o numero de livros somenos que entre nós, como em toda a parte, vêm a luz, influe, de um modo ás vezes invencível, para que não possam chegar á publicidade muitos que seriam dignissimos de tê-la. A esses, e aos auctores d'elles, accorde então o jornalismo, com as suas facilidades, e com a sua gratuidade, archivando, até melhor momento, valores litterarios que, sem tal protecção, corriam perigo irremediavel de se perderem.

Diga-nos Trindade Coelho, que bem o sabe, e talvez por si proprio, se isto não é exactissimo.

Ha, pois, que distinguir. O jornal é sepultura de tudo, ou de quasi tudo, quanto para o jornal, e só para elle, nasceu. E' deposito, meramente temporario, de tudo quanto lhe foi entregue, por forma provisoria, com destino a ser livro. E quantos jornalistas ha, ou pôde haver, que mesmo nos seus artigos, aparentemente desligados, e dos quaes o publico superficial e desattento nem chega a comprehender o nexo, mantêm calculada e propositada ligação mental, não sendo estes outra coisa senão capitulos da obra, que lhes está na alma, que lhes palpita no cerebro!

Foi a proposito de Silva Pinto, — esse escriptor de tão portugueza linguagem e de tão singular atticismo, — e do volume por elle republicado, que Trindade Coelho teve ensejo de apresentar a sua restricção. Não contestamos se ella foi justamente applicada á hypothese, porque não temos agora elementos para apreciar essa applicação. Mas o que sabemos, é que Silva Pinto incorre justamente no ultimo caso por nós considerado. Os seus artigos são folhas de um livro unico, doloroso, sentido, agora simplesmente ironico, logo tristemente sarcastico, porém sempre intencionalmente pensado e vivido, que o seu es-

pirito e a sua alma andam constantemente elaborando. Aparecem, de começo, no jornal; vivem n'este os instantes ephémeros que o mesmo jornal vive; mas renascem, finalmente, no livro que já eram, e que os faz perdurar como era seu direito d'elles e como mandava a justiça.

Na obra periodica de Trindade Coelho ha já uma parte, para a qual a nossa presente observação é legitima. Os jornaes resguardam, até melhor ensejo, muitas das paginas, que hão de constituir os seus futuros livros.

Zacharias d'Aça, emfim, quer os tenha publicado, quer não, — pois é grande tambem o numero dos seus inéditos, — pôde dizer-se que poucas vezes pensou em dispersar simples artigos fugitivos. Tudo quanto tem escripto, tanto em arte pura, como em analyse critica, tem sido, desde o seu inicio, traçado com a unidade de pensamento, de doutrina, e de forma, que, no momento oportuno em que o livro tenha possibilidade de apparecer, tanto o auctor como o leitor possam e devam exigir.

Integre, pois, Zacharias d'Aça, a sua obra dispersa, e enriqueça o thesouro litterario nacional com os seus livros, tão saudaveis, tão portuguezes, tão merecedores de serem lidos.

FERNANDES COSTA.

CAÇA

Victorino da Silva Almada Junior

CABE hoje a vez de figurar nas columnas de *O Tiro Civil*, a este nosso bom amigo; era o unico dos membros da



Socio fundador e thezoureiro da Associação dos Caçadores Portuguezes

direcção transacta da Associação dos Caçadores Portuguezes, de quem nos faltava publicar o retrato.

Victorino Almada é um dos socios fundadores da prestimosa associação; reeleito na ultima eleição dos corpos gerentes para a direcção com o cargo de thezoureiro. A dedicação e os serviços que a nossa querida agremiação lhe deve, só os conhecem bem, os seus collegas que com elle teem estado na direcção.

Como caçador, Almada, é, o que se pôde chamar, uma boa espingarda; frio,

rijo de perna e de bons pulmões, é-lhes facil ver os companheiros ficarem, de vez em quando, a contemplan a natureza e... os seus calcanhares.

Pertence ao grupo *Venator*, que é formado por seis ou sete socios da associação, e onde figuram Aldim, Anachoreta, Wasa de Andrade e outros. *O Tiro Civil*, publicando-lhe hoje o retrato, presta a homenagem que ha muito lhe era devida como caçador distincto, e pelos muitos serviços que tambem lhe deve, contribuindo com os seus esforços, para que esta publicação, chegasse ao grau de prosperidade em que hoje se encontra.

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é orgão official da associação)

Parte Official

Direcção

SESSÃO DE 8 DO CORRENTE

ESTANDO presentes os srs. dr. Anachoreta, José Troni, Victorino Almada, Arthur Vasques e Anselmo de Souza, procedeu-se á leitura da acta, e do expediente. Em seguida occupou-se a direcção dos regulamentos dos diferentes serviços da séde. Sobre a carreira de tiro foram lembrados diversos aliteres, tomando parte na discussão alguns dos membros presentes.

Deliberou-se gratificar Luiz Victor Pereira e attender a reclamação de Casimiro dos Santos Crespo pelo que se officiou ao sr. administrador do concelho de Setubal e ao sr. governador civil do districto.

SOCIOS APPROVADOS

Frederico Martins de Faria, José Assis Carvalho, Alfredo de Bettencourt e Mello, Dionisio Ernesto da Silva Freire, José Gregorio dos Santos, Carlos O'Donnell, Luiz Augusto Madeira, Guilherme de Jesus Oliveira, Joaquim Severino Machado de Avellar, João Anastacio Gomes, Alfredo Garrido, João de Roure, João Aguiar Figueiredo, Bartholomeu de Menezes, Vieira da Silva, Guilherme Doria, Joaquim Bizarro, visconde da Idanha, Leopoldino Blanco Mellicio e José Matheus Corrêa Soutto.

A caça em Portugal

Foi assim, com este titulo, que eu li, ha dias, na *Gazeta das Aldeias* n.ºs 131 e 132, um bem elaborado artigo sobre caça, que o sr. Affonso Cabral, distincto engenheiro e não menos distincto caçador, publicou, ha tempos, na referida gazeta.

Conheço, desde ha muito, a competencia do sr. Affonso Cabral, assim theorica como pratica, em assumptos venatorios, como, desde ha muito, conheço a sua paixão pela arte de S. Luiz; mas aquelle seu artigo veiu fazer-me capacitar, mais uma vez, de que a sua extensa e selecta instrução sobre a caça dentro e fóra do paiz não se cerceou com o decorrer dos tempos, como tem succedido a outros, e tambem que ainda não abandonou o campo da batalha onde, ha um bom par d'annos, se iniciou a lucta contra os transgressores das leis da caça, e contra aquelles que, com o seu desleixo indesculpavel, têm concorrido para que tal lucta continue ainda sem resultados de proficuidade verdadeira.

Não quero entrar agora em detalhadas apreciações do seu substancioso artigo, que muito desejava ver transcripto no nosso *Tiro Civil*; sobre o ponto, porém, em que s. ex.^a allude ás associações de caçadores, e principalmente áquella que s. ex.^a ajudou, com entusiasmo, a organizar e, por algum tempo, a dirigir, é do meu dever apresentar, desde já, umas pequenas reflexões, com as quaes o sr. Affonso Cabral ha-de, por certo, concordar.

No *Archivo Rural* n.º 28, do anno que passou, o preeminente naturalista, sr. Eduardo Sequeira, escrevendo acerca da protecção á caça, faz um apello ás sociedades de caçadores para que, unidas, trabalhem por conseguir que os poderes publicos tomem certas medidas urgentes com o fim de evitar que, em pouco tempo, fiquemos privados d'essa riqueza nacional. A este apello refere-se tambem, no seu artigo, o sr. Affonso Cabral, e corrobora-o, em parte, com a sua auctoridade; mas alludindo, em especial, ao Club de Caçadores do Porto, chama-lhe mais uma sociedade de tiro revestida de caracter recreativo, dando, assim, a entender que este club atirou á margem com o seu objecto principal — a defeza da caça.

E' certo que o Club dos Caçadores do Porto instituiu, ha uns poucos d'annos, uma carreira pratica de tiro, como era do seu dever, porque essa obrigação se lhe impunha pelos respectivos estatutos, em que collaborou, se bem me lembro, o auctor do magnifico artigo que originou este despretencioso escripto; mas essa carreira instituiu-se pelo motivo que já disse, e por reconhecer a direcção, ao tempo em exercicio, que sem ella o Club não poderia continuar a existir, em vista das exigencias que lhe eram feitas pela unanimidade dos seus associados.

E viu-se, desde então, e reconhece-se ainda hoje, que foi uma das coisas mais acertadas que no club se têm, desde a sua existencia, praticado. Depois d'isso, o numero de socios augmentou consideravelmente, o enthusiasmo pelos fins da associação tornou-se mais intenso e o passatempo — chamemos-lhe assim — de muitos caçadores que na epocha do defeso era exercido no campo e no monte em prejuizo da caça, passou a ser exercido na carreira, e as perdizes e as codornizes e as lebres e os coelhos entraram de ser substituidas pelos alvos que áquelles animaes vieram dar maior descanço.

(Continúa).

B. DE SÁ.

Desastres

No dia 18 do mez findo, andando á caça na freguezia do Abbadé de Neiva, Barcellos, o sr. tenente Julio Faria, do regimento n.º 20 de infantaria, ao saltar uma parede, desligaram-se da cronha, os canos da espingarda caindo no chão e disparando-se. O sr. Faria recebeu parte da carga na mão direita.

Mais um desastre a lamentar, devido, talvez, ao mau estado da espingarda, que o caçador poderia ter evitado com um pouco de cuidado.

No dia 22 em S. João do Estoril, morreu uma pobre menina de 9 annos, victima d'outro desastre; o pai, o sr. Bruno Joaquim Lourenço, tinha um revolver carregado d'entro de uma gaveta, e esta aberta! a infeliz criança foi-lhe mecher, dispara-se o revolver o que é natural e a bala entra-lhe no ventre; ás 11 1/2 horas da noite fallecia.

Para que servirá ter em caza armas de fogo carregadas? estaremos em tempo de guerra, ou nos sertões d'Africa, com o receio de sermos atacados a todo o momento?

Sempre o descuido e o não tem duvida, a produzir victimas, mas não ha emenda.

Em Requixo, logarejo na freguezia de Mancinhata, do concelho de Oliveira de Azemeis, deu-se outro desastre na caça.

Joaquim da Silva Rapozo escorregou, e ao querer-se amparar com a espingarda bateu com a coronha no chão, a arma dispara-se entrando a carga toda no peito do infeliz Rapozo, que falleceu quasi instantaneamente.

Como sempre, iam os apostar que a espingarda estava engatilhada. De todos os desastres que se dão com armas de fogo, noventa por cento é a imprudencia quem as origina.

Mais um aviso.

TAUROMACHIA

Vicente Mendez (Pescadero)

Ha talvez 20 annos appareceu em diferentes arenas hespanholas, um joven toureiro muito sympathico e tambem muito elegante, que, com as bandarilhas nas mãos, fazia primores *pareando* rezes bravas por todas as maneiras conhecidas e preceituadas pelos sagrados mandamentos da arte de Montes.

Como é natural, apesar de ahi haverem muitos e bons *diestros*, o referido joven tornou-se notado entre todos, repercutindo-se a sua fama até Lisboa onde desde logo nasceu o desejo de o ver e admirar.

Assim, quando o nome do nosso heroe, que era o de Vicente Mendez y Gil (Pescadero), appareceu estampado em letras enormes nos cartazes do Campo de Sant' Anna, a praça encheu-se, e o artista ficou desde logo consagrado porque a ovação foi estrondosa e entusiastica.



Celebrado toureiro e matador de espada

Esta ovação foi o inicio de muitas outras que o artistico bandarilheiro ouviu, quando depois nos appareceu fazendo parte da *cuadrilla* do afamado inventor (?) do *quiebro*, o artificioso Antonio Carmona (El Gordito).

Todavia as aspirações de *Pescadero* tomavam maior vulto, porque subordinando-se ao velho axioma hespanhol *mas vale ser cabeza de raton que cola de leon*, quiz ser matador de novillos e conseguiu-o em varias occasiões, fendo a honra de competir em Madrid em umas poucas de corridas com o celebre espada *Frascuelo*.

Porém, os annos passavam e a obesidade transformando o physico de *Pescadero*, obrigou-o a vir procurar em Portugal o descanço de que carecia, toreando menos corridas sem correr um risco relativamente grande.

Aqui, para passar o tempo, e tambem por amor á profissão em que se tornou celebre, fundou uma escola de ensino theorico de toureiro que inaugurou a 17 de janeiro de 1896.

D'esta escola, aonde quem estas linhas escreve ouviu interessantissimas conferencias, sahiram dois discipulos que teem honrado o mestre, e são: Vicente Mendez, (Pescaderito), e Manoel Joaquim dos Santos, toureiro já com alternativa e com re-

putação bem firmada entre uma parte dos *aficionados* portuguezes

Terminando, vamos dizer que ainda ha pouco, um velho aficionado hespanhol de passagem em Lisboa, conversando connosco sobre touradas nos manifestou a sua admiração por Vicente Mendez, classificando-o assim:

Vicente es un torero de cuerpo entero.

E. d'A.

Gymnastica e esgrima

Real Gymnasio Club Portuguez

Os saraus que todos os annos, em segunda-feira gorda, realisa esta distincta agremiação de *sport*, adquiriram com toda a justiça a fama de serem dos mais completos, attraentes e engraçados de Lisboa durante o periodo carnavalesco, tanto pela escolha do programma, como pela bella execução de todos os numeros, e tambem pela numerosa e selecta concorrencia que attraem. O d'este anno em nada desmereceu dos anteriores, antes certamente, pelas magnificas impressões que deixou em todos que a elle assistiram, foi mais uma confirmação d'esses justos creditos.

Escasseia-nos o espaço para descrevermos a esplendida ornamentação da sala. Debaixo da direcção habilissima do socio, sr. Arthur Pessoa, a arte, alliada á mais original concepção, realiso um quasi prodigio de bom gosto e de belleza, que eram o enlevo de todos os assistentes.

O sarau constou do duetto da *Revoltoza*, pelos srs. Lacerda e Borges da Costa; da engraçadissima exhibição de uma *troupe* de saltimbancos, pelos srs. Awata, Roubaud, Brito, Fraguas e outros; trabalhos em argollas, pelos srs. Borges da Costa, Roubaud, Fraguas e Souza; tercetto dos *Africanistas*, pelos srs. Lacerda Sousa e Borges da Costa. Todos estes numeros, magnificamente despenhados, obtiveram calorosos applausos, sendo bisado, a pedido, o tercetto dos *Africanistas*.

Os programmas distribuidos eram engraçadissimos, constituindo a indicação dos diferentes numeros verdadeiras charadas. Citaremos, por exemplo, o numero *Argollas*, indicado da seguinte forma: — «Onde se prendem os burros, por distinctos almoceves.»

A segunda parte do sarau constou de baile, que esteve animadissimo, dançando-se com verdadeiro *entrain* até altas horas.

A direcção do Real Gymnasio Club agradeceemos penhorados o amavel convite que nos dirigiu para assistirmos a tão bella festa.

Gymnasio Club Figueirense

No dia 1.º de Janeiro completou 4 annos de existencia esta florescente agremiação. Para festejos o seu anniversario realiso-se ao meio dia uma sessão solemne e bodo aos pobres.

A' noite teve logar um sarau dramatico-musical-gymnastico que correu animadissimo, estando a espaçosa sala do gymnasio, assim como os camarotes completamente cheios.

Representaram-se as comedias: *O Infanticida* e o *Tio Torcato*, sendo a parte musical prehenchido pelos alumnos de musica do gymnasio.

A parte de gymnastica constava de exercicios em barra, trapezio quadruplo, grupos de escadas, parallelas etc.

Todos os amadores foram com justiça applaudidos o que mostra o adiantamento das diversas secções que o gymnasio cultiva.

Em breve inaugurar-se-ha a secção de *law-tennis* n'um terreno apropriado, generosamente offerecido por um digno socio.

Em assemblea geral de 17 do corrente teve logar a eleição dos corpos gerentes para o exercicio do actual anno, ficando assim constituídos:

ASSEMBLEA GERAL

Presidente — *Commendador Annibal Augusto de Mello*

Vice presidente — *Dr. Joaquim Lopes d'Oliveira*

1.º Secretario — *Jacyntho Serrão Burguete*

2.º Secretario — *José Antonio de Serpa Sarmiento*

COMISSÃO REVISORA DE CONTAS

Nestorio Dias, Domingos Ferreira Pinto, Julio Gonçalves Mendes.

DIRECÇÃO

Presidente — *Pedro Augusto Ferreira*
Vice-presidente — *Jorge Laidley*
Secretario — *Alvaro Ferreira Lima*
Thesoureiro — *Gualdino Hermenegildo Guimarães*
Vogal — *Manoel Fernandes Thomaz*

SUBSTITUTOS

Fernando Victor Costa, Augusto Duarte Coelho, Luiz Dias Guilhermino.

VELOCIPEDIA

Real Velo Club do Porto — Gerencia d'esta associação em 1898 — O baile do Real Club Velocipedista de Portugal.

TEMOS presente o relatório, contas da gerencia e parecer do conselho fiscal do Real Velo Club do Porto, relativos ao anno de 1898, e impressos n'um volume de 79 paginas.

No relatório, um bello documento elaborado com a maior clareza e correcção, dá-se conta minuciosa de todas as occorrencias que tiveram lugar durante a gerencia d'aquelle anno. Na impossibilidade de transcrevermos tudo quanto de importante n'elle se contem, faremos d'esse documento um breve extracto, para que de algum modo os nossos leitores, que não sejam socios d'aquelle club, possam ajuizar do grau de importancia e prosperidade d'essa associação, e dos serviços por ella prestados á causa velocipedica.

O Velo-Club do Porto continua installado no chalet do Palacio de Chrystal, chalet em que foram feitas algumas obras interiores inadiaveis, deixando a direcção de proceder a outras por considerações de ordem financeira.

Em 31 de dezembro de 1897 o numero de socios effectivos era de 242, e o dos correspondentes de 70, e em igual dia do anno proximo passado ficaram existindo 278 effectivos e 174 correspondentes, verificando se, portanto, nos da primeira cathgoria um acrescimo de 36, e nos da segunda de 104. Este maior numero de socios, declara o relatório ser devido ás regalias que os novos estatutos lhes concedem, e acrescenta que a todas as admissoes effectuadas presidiu sempre o maximo escrupulo.

Durante o anno de 1898 foram feitas ao Velo-Club Portuense diferentes offeras, tanto de artigos diversos, como de livros e jornaes para a bibliotheca. Foram tambem approvados os actuaes estatutos, e elaborado o respectivo regulamento.

Logo no principio d'esse anno a direcção encomendou e recebeu de Paris 500 emblemas, que distribuiu a todos os socios effectivos, correspondentes e delegados, vendendo durante o anno bastantes a pessoas de familia dos associados, pelo que teve de fazer nova encomenda.

O Velodromo Maria Amelia, que é propriedade do Club, e que este fez construir em terreno que para tal fim lhe foi cedido por el-rei o sr. D. Carlos, mereceu-lhe especial attenção, sendo-lhe feitas importantes obras. Até hoje aquelle Velodromo tem importado em 4:092\$495 réis, e agora reconhece-se como imprescindivel reconstruir-lhe a pista, cimentando-a em parte e elevando-lhe as curvas, pois que as viragens tornam-se difficeis e perigosas, em virtude do mais veloz andamento das novas machinas. Hisituo, porém, a direcção em levar a cabo estas obras, não obstante

reconhecer a sua urgencia, por não saber «se os grandes sacrificios pecuniarios a que teria de recorrer, seriam compensados com a frequencia dos socios, a ponto de deixar de existir a pouca vontade de realisar corridas e outros divertimentos n'um recinto hoje unico em Portugal para semelhante fim.» E por tal motivo deixou á sua successora a resolução d'este importante assumpto.

Tendo a peito proporcionar aos socios o maior numero de recreios e diversões possivel, organiou a direcção sessões semanaes de patinagem, durante os mezes de janeiro e fevereiro, das 8 ás 10 horas da noite, na nave central do Palacio de Chrystal, para tal fim vistosamente illuminada. Essas sessões foram sempre muito concorridas, não só de patinadores como de espectadores, entre os quaes bastantes esnhoras.

Em março effectuou o club o seu primeiro passeio official a Ermezinde, em agosto o segundo, a Villa do Conde, e em setembro o terceiro, a Mattosinhos.

Além d'isto realiou em 23 de julho, na avenida do Palacio de Chrystal, uma esplendida festa nocturna, em que os socios se apresentaram com as suas machinas vistosamente illuminadas.

O Velo-Club só deu durante o anno umas corridas no Velodromo Maria Amelia, mas fez-se representar n'umas outras que tiveram lugar em Braga, para um fim de beneficencia.

Mais duas festas organiou a direcção — a da arvore do Natal, no Velodromo, offerecida ás creanças das familias dos socios, e a de uma estafeta internacional entre Vigo e Paris. Esta festa, a primeira d'este genero no nosso paiz, devia ter-se effectuado em dezembro ultimo, mas, por motivo do fallecimento do presidente do Centro Cyclista de Vigo, ficou addiada.

Conseguiu o Velo-Club Portuense, de accordo com as associações congeneres de Lisboa, e ao cabo de muitas instancias e diligencias, que, para os effeitos do transporte em caminho de ferro, as bicycletas fossem consideradas como bagagem e não como mercadoria. A esta concessão annuiaram os caminhos de ferro do Minho e Douro, os do sul e sueste, a Companhia Real, a dos caminhos de ferro portuguezes da Beira Alta, e a do Porto á Pova e Famalicão, faltando por conseguinte só a annuencia da companhia do caminho de ferro de Guimarães e da Companhia Nacional de Caminho de Ferro.

Este resultado representa um importante serviço feito aos cyclistas, que não poucas vezes tem de utilizar-se do comboio, levando consigo as suas machinas.

O estado financeiro da assciação deve considerar-se bastante satisfatorio, porquanto, não tendo a direcção deixado nenhuma conta por satisfazer, em 31 de dezembro ultimo o saldo em dinheiro existente em caixa era de 213\$450 réis.

Pelo exposto se vê que não foram proficuos os esforços da direcção do Real Velo-Club do Porto no anno findo, antes d'elles derivaram uteis e proveitosos resultados, e que essa direcção trabalhou affanosamente não só por manter, como por fazer progredir os creditos, o bom nome e o prestigio d'aquelle associação.

Todos os annos, pelo entrudo, o Real Club Velocipedista de Portugal offerece aos seus socios e familias uma brilhante *soirée*. Como as anteriores, a d'este anno effectuou-se em sabbado gordo.

A mais de um amator de velocipedia,

entre elles alguns filiados nos clubs de Lisboa, temos ouvido censurar o facto de essas associações organisarem e realisarem taes festas, com que, no seu entender ellas se affastam do fim para que foram creadas. Não nos parece, todavia, que tenham razão, pois que, sendo a dança um *sport*, e sem duvida o mais attractivo e gracioso de todos, seria injustificavel banila de associações, consagradas em especial ao *-cyclismo*, é certo, mas nas quaes, geralmente, para recreio, distracção e desenvolvimento physico dos socios, se cultivam conjuntamente outros *sports*, taes como a esgrima, a patinagem, a gymnastica etc.

Nos paizes estrangeiros, e nomeadamente na Italia, a dança faz parte do programma da educação physica da mocidade, e tambem é frequente n'esses paizes as sociedade sportivas organisarem bailes.

Por todas estas considerações não vemos motivo, repetimos, para as censuras alludidas, que nos parecem infundadas.

A *soirée* do Real Club Velocipedista realiou-se na séde do mesmo club, na rua de S. José, tendo sido a casa vistosamente ornamentada para tal fim pelos socios srs. Eduardo Piolti e Antonio Lobo. Desde a escada até ás salas era grande a profusão de flores, arbustos e apetrechos de *sport*, e principalmente no salão de gymnastica, que foi o destinado á festa, e que pelo seu tamanho e magnificas condições se prestava admiravelmente para tal fim, a ornamentação, adquada á epocha carnavalesca, era de muito bom gosto e de um esplendido effeito.

Constou o sarau da recitação de versos, pelos srs. Cesar da Rocha e João Cernadas; trabalhos gymnasticos — torniquete, pelos srs. Alfredo Magno, Alberto Gimenez e Arthur Pereira, e argolas pelos srs. Gastão de Almeida Santos e Arthur Pereira; concerto de viola pelos srs. Luiz Soria e seu filho; tercetto dos Africanistas pelos srs. Alves do Rio, Joaquim Pedroso e Salomão Cardoso; imitações pelo sr. C. Monteiro; concerto de guitarra e viola pelos srs. Alfredo Silva e Yvens Ferraz; e um engraçado monologo — *Um velocipedista manqué*, escripto pelo sr. Alvaro Cabral e desempenhado pelo sr. Henrique Alves. O actor Chaby recitou a poesia *Um romance*.

Todos os executantes d'estes varias numeros foram calorosamente applaudidos, e com justiça, pois que no seu desempenho se houveram magistralmente.

Cêrca da 1 hora da noite principiou o baile, que esteve sempre animadissimo, e terminou por um magnifico *coillon*.

Á direcção do Real Club as nossas felicitações pela forma brilhante por que conseguiu organisar e levar a effeito o seu bello sarau, e os nossos agradecimentos pelo convite dirigido a esta redacção, e que nos permittiu o prazer de assistirmos a essa festa.

MAGALHÃES FONSECA.

Porto 11 de fevereiro. — Em virtude do máu tempo, tem estado completamente paralizado o *sport* velocipedico, mas em compensação, tem corrido muito animadas as sessões de patinagem em a nave central do Palacio, tomando parte n'ellas grande numero de socios do R. V. C. P.

No dia 10 do corrente reuniu a assembléa geral do Real Velo Club do Porto sob a presidencia do sr. tenente Fernando Guimarães servindo de secretarios os srs. João Garrido e Guilherme Leite de Faria.

O relatório e contas da gerencia de 1898 foram approvados por unanimidade, assim como um voto de muito louvor á direcção.

Por proposta do sr. commendador Eduardo da Motta Ribeiro Junior foram nomeados socios honorarios sua magestade a rainha D. Amelia, e suas altezas o principe D. Luiz Filippe e o in-

fante D. Manuel Maria, bem como o delegado do club no Pará, sr. Eduardo Pinto da Cruz.

Approvou-se tambem, por unanimidade, uma proposta da direcção para o levantamento dos relevés (viragens) do Velodromo Maria Amélia.

Vamos a vêr se d'esta vez sempre vac ávante esta indispensabilíssima obra n'aquelle velodromo.

Procedeu-se depois á eleição dos corpos gerentes para 1899, que ficaram assim constituídos:

Assembléa geral — Presidente, dr. Paulo Marcellino Dias de Freitas; vice-presidente, commandador Francisco de Castro Monteiro; 1.º secretario, dr. José Thomaz Ribeiro Fortes Junior; 2.º Joaquim da França Oliveira Pacheco.

Conselho fiscal — Vogaes: conde de Paçó Vieira, Guilherme Augusto de Faria e José Maria de Almeida Outeiro.

Direcção — Presidente, dr. Matheus da Graça Oliveira Monteiro; vogaes: Adolpho Vieira da Cruz, commandador Eduardo da Motta Ribeiro Junior, Edgar Katzeinstein, Fernando Evangelino Gomes Guimarães, Fr. Welner Hansen e Olinto Ferreira Miúse.

— Por occasião da estada n'esta cidade de Sua Alteza o sr. Infante D. Afonso, uma commissão composta do presidente e secretario do R. V. C. P., e do sr. tenente Fernando Guimarães, foi ao Paço das Carrancas oferecer-lhe o emblema de socio d'aquelle club dentro de um rico estojo de pellicia das côres nacionaes, S. A. mostrou-se muito afeiçoado a este genero de sport e convervou largamente sobre o cyclismo.

NEMELCO.

DIVERSAS

Notas de sport

O torneio internacional de luta a que actualmente se está procedendo no theatro dos *Foliers Bergères* de Paris, ao qual assiste uma multidão de espectadores e que dura ha mais de quinze dias, não se conhecendo ainda o resultado final, parece ter despertado, como nunca, o entusiasmo para este ramo de sport.

Mais de 70 concorrentes acodiram ao torneio e entre elles citaremos o famoso russo Pytlasinski e o bulgaro Petroff; o conhecido bordelez Sabés; o suizo Tiger, o belga Van Thio, os tur-

cos Castanji e Cuderelli e outros mais que á porfia n'este certamen unico do musculo humano, mediram as suas forças.

— A classificação dos concorrentes ao grande torneio internacional de luta é a seguinte:

Laurent le Beaucairois — 1 ponto.

Pytlasinski — 1 p.

Aimable de la Calmette — 1 p.

Constant le Boucher — 0.

São estes os 4 concorrentes á poule final e o encontro do russo com Aimable de la Calmette deve ser o mais sensacional.

Aimable é o parceiro mais terrivel, pelo seu jogo tão brilhante na defeza como no ataque; de maneira que o russo Pytlasinski deverá recorrer a toda a sua força e sciencia para triumphar do meridional.

Nós que desde o principio, e por sympathia de nome, fomos partidarios de Aimable de la Calmette, desejamos a victoria para este, e talvez que ainda n'este numero e á ultima hora possamos dar o resultado final do concurso.

— Na Suissa correu-se, ha poucos dias, o campeonato de patinagem, sport que entre nós só nos salões se pratica

O campeão d'este anno em velocidade foi Edigton, da universidade de Oxford, o qual cobrio n'uma hora a bagatella de 30 kilometros e 896 metros!

O record batido pertencia a Sensburg, que o anno passado fez 30 kilometros e 800 metros.

— Actualmente disputam-se em Paris dois campeonatos de França, do *foot-ball Rugby* e *foot-ball Associaton*.

São muitos os clubs inscriptos e os *matches* tem sido renhidos

O *match* de *foot-ball Associaton* entre a Association Sportive Internationale e a Union Sportive de Puteause, que jogavam a segunda serie do concurso, no qual brilhava a ultima d'estas associações, foi dado por nullo não se contando nada a nenhum club.

Emfim, á data das ultimas noticias era esta a classificação:

- Foot-ball Rugby.
- Stad Français.
- Racing Club de France.
- Olympique.
- Cosmopolitan Club.
- Foot-ball Association.
- Club Français.
- Standard A. C.
- United Sports Club.
- White Rovers.

Aguardamos os resultados finais.

Monaco

Em Monaco acabam de ser disputadas varias provas de *Tiro aos pombos*.

O *Grand Prix du Casino* é sempre a prova de sensação dos concursos internacionaes; o seu valor é de 20.000 francos em dinheiro e um objecto d'arte no valor de 5.000 francos.

O 1.º dia consta do tiro a 3 pombos á distancia de 26 metros e no 2.º dia de 9 pombos a 27 metros.

Depois d'uma luca encarniçada, entre os 104 atradores que tomaram parte n'aquelle bello premio, foi proclamado vencedor M. Moncorgé, entre os bravos e applausos d'uma multidão tão numerosa como escolhida. A victoria do campeão francez é tanto mais merecida quanto é certo que elle é uma das melhores espingardas francezas.

M. Moncorgé foi o unico que não errou o seu 12.º pombo; ganhou a conta redonda de 20.440 francos e recebeu o objecto d'arte, uma jardineira muito artistica em bronze dourado, feita por Maurice Meignan.

M. Moncorgé ganhou o *Grand Prix de Paris* em 1896 e o *Grand Prix du Hunlinglam Club* em 1898 Os 2.º, 3.º e 4.º logares do *Grand Prix* do Casino foram ganhos por M. M. Gournu, Devron, francezes e Mains, italiano; mataram 13 pombos em 14 e ganhou cada um 7.700 francos.

A victoria coube pois aos francezes.

(Do *Monde Illustré*)

Aveiro, 10 de fevereiro.

D.

Andorinhas

Noticia ao nosso estimado collega *A Folha de Beja*, que no domingo 29 do mez findo, appareceram n'aquelle cidade, as gentis mensageiras da primavera.

Bem vindas sejam as formosas avesinhas.

Club de Campanhã

A distincta direcção d'esta prospera agremiação de *Instrução e Recreio*, com séde em Campanhã, Porto, teve a amabilidade de nomear socio protector do seu gabinete de leitura, o director d'esta revista.

Agradecemos penhoradissimos a distincção que nos foi conferida e fazemos votos pelas prosperiedades do club a que d'hoje em diante nos honramos de pertencer.

TRICYCLES PARA CREAÇAS

Barateza e solidez sem igual

Grande sortimento de velocipedes e tricycles para creanças de ambos os sexos, de 4 a 12 annos.

Pedimos ao publico que visite esta casa antes de effectuar qualquer compra.

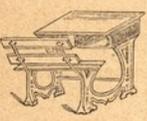
Unico deposito

CASA SANTOS DINIZ

50, Praça dos Restauradores, 52

(AVERDA DA LIBERDADE)

LISBOA



JOÃO VAZ DA COSTA
CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornoso, 148
LISBOA



CYCLEDOR

JOSÉ D'OREY & C.ª

Unicos agentes em Portugal das celebres bicycletas Peugeot, bicycletas que maior numero de primeiros premios tem ganho em Portugal

DEPOSITO DE VELOCIPEDES E SEUS ACCESSORIOS

Artigos de Sport

LAWN TENNIS E MAIS JOGOS ATHLETICOS

Avenida Palace: - Rua do Principe

Endereço telegraphico — CYCLEDOR

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.



SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa

ALBUNS PARA SELLOS

A 200, 240, 300, 350, 600 e 1\$000 réis e grandes, completos a 3\$000 r2is.

SELLOS PARA COLLECÇÕES

Ha o maior sortimento a preços convidativos, e pacotes a 20, 30, 50, 100, 150, 250, 300, 400, 500, 1\$000 réis e mais preços.

F. A. MARTINS

Praça Luiz de Camões, 35 — LISBOA



CASA COLUMBIA

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.^o, New York, America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanais.

Ensino, aluguer e reparações em todos os systemas de bicyclettes.

Completo sortim-nto de accessorios. As magnificas cornetas **Espanita cães.**

25, Rua Garrett (Chiado), 27

CASA COLUMBIA

Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º

Consultas gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã

VINHO ROCHEIRA

Velho (1896) especial para doentes, series de 12 garrafas. . . . 1\$200

Novo (1898) series de 12 garrafas. . . . 1\$080

Vinagre natural de vinho branco. . . . 70

Azeite especial superior de C. Branco, e do Escuro litro. . . . 320

Dito velho finissimo de Santarem, litro. . . . 340

Vinhos superiores do Porto e Madeira.

Aguardente velha de vinho.

Emprestam-se todas as vasilhas.

Porte «gratis». — Requisições por

—lhete postal, a

A. Andrade & C.^a

Rua Serpa Pinto, 30 — LISBOA

Agencia Havas — Recibe anuncios para esta revista.—Rua do Ouro, 30.

LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

AOS CAÇADORES

E EXCURSIONISTAS

Conservas — (pickles)

E MOSTARDA PREPARADA

DA FABRICA M. A. BRITO

Pedir em todas as mercearias e confeitarias

LIVRARIA FERREIRA

FUNDA EM 1869 POR MANUEL JOSÉ FERREIRA

ACTUAES PROPRIETARIOS

Manuel José Ferreira, successores

132, 134, Rua Aurea, 136, 138

LISBOA

Grande sortimento em livros de missa e semana santa. Livros para os cursos superiores e primarios. Livros juridicos e de ciencias, nacionaes e estrangeiros.

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios do mundo.

Assignatura para todos os jornaes estrangeiros, de sport, modas, scientificos, litterarios, theatro, etc.

Satisfazem-se todas as encomendas com a maxima brevidade.

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

OS VOMITOS, ASIÁS, ARPORES, más digestões, fastio, flatulencias, agua da bocca, billis, peso e dores de estomago, de cintura, costas e intestinos, desapparecem logo com

ESTOMAGO ARTIFICIAL

o uso dos PÓS DO DR. KUNTZ. CURANDO EM POUCOS DIAS as dispepsias, catarrhos e embaraços gastricos, como diariamente o certificam bastantes agradecidos.

Caixa 1\$500 réis, correio 1\$600, nas principaes pharmacias e nos DEPOSITOS; Deposito geral, pharmacia Continental; na pharmacia e drogaria Peninsular; pharmacia Azevedo, Rocio. No Porto, pharmacia Ricca e Moreno; Caminha, drogaria Villaça; Elvas, pharmacia Central; Figueira, pharmacia Sotero; Portalegre, pharmacia Carrapato; Covilhã, A. Franco; Lagos, pharmacia Associação Maritima. Envia-se franco de porte, folhetos descriptivos.

POR 500 RÉIS SEMANAES



105, PRAÇA DO LORETO, 107
LISBOA

AOS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armas de St. Etienne—França.

Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

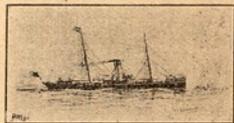
Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura
T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56
LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Para Madeira

Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia),

S. Jorge (Vellas), Caes do Pico e Fayal

Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio X. d'Andrade, no dia 20 de fevereiro ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serrão Arnaud.